

REGIS DE MORAIS

**CÁRITAS  
E SUA PRECE HISTÓRICA**



Campinas-SP  
2006

## SUMÁRIO

Convite para agradável jornada (Apresentação).....	1
---	---

### PARTE I

#### Cáritas no Cristianismo dos Primeiros Tempos e na Posteridade

1. Romanos e judeus no surgimento de Jesus.....	9
2. Perseguições e mártires.....	17
3. Quem terá sido Cáritas?.....	31
4. O momento histórico da Codificação .....	41

### PARTE II

#### “Prece de Cáritas”

Prece de Cáritas .....	53
25 Dezembro – 1873 – Prière .....	55
Homenagem.....	109
1. Aspectos hipotéticos .....	110
2. Os fatos .....	111
Bibliografia.....	117

**CONVITE**  
**PARA AGRADÁVEL JORNADA**  
(Apresentação)

**N**em mesmo a oração crística do Pai Nosso pode escapar ao critério seguinte: as preces não podem ser apenas fórmulas memorizadas para que as repitamos sem atenção às suas palavras. Quando buscamos o mais elevado plano da espiritualidade com nossos agradecimentos e rogos, as palavras fazem-se nos sons dos sentimentos que, levados pelas vibrações do fluido cósmico, desenham diante de Deus a verdadeira paisagem de uma alma. Assim que, tanto sendo expressões e frases que improvisamos ao sabor do que sentimos, quanto sendo textos já conhecidos e de algum modo celebrizados em termos de história religiosa, o que sempre importa é o modo compenetrado com que pronunciamos qualquer prece. Não há, portanto, nenhum motivo para deixarmos de parte orações históricas como o salmo 23 (de Davi), o Pai Nosso dos tempos apostólicos, a Ave Maria que foi sendo composta nos séculos seguintes ou, no caso espírita, a Prece de Cáritas, apenas pelo receio desnecessário de incorrerem em ex-

cessos ritualísticos. Ritualismos mecanicistas e distraídos só ocorrem quando pronunciamos levemente orações de extraordinária importância.

A força de qualquer prece, improvisada ou repetida, estará na energia espiritual que pusermos em cada palavra.

Há cerca de trinta e cinco anos, quando fazíamos nossas primeiras aproximações aos estudos espíritas, deparamo-nos emocionadamente com a Prece de Cáritas, que nos foi trazida no século XIX pela psicografia de Madame Krell, na cidade francesa de Bordéus; mais tarde fomos saber que Cáritas fora uma discípula de Jesus que, no cristianismo dos primeiros tempos, sofrera o martírio em Roma. Como antes nos houvera comovido intensamente a Oração de São Francisco de Assis, assim ficamos absortos ante – ao mesmo tempo – o fulgor e a doçura da Prece de Cáritas. Gostamos mesmo de pensar que, do período da Codificação em que atuou vibrantemente a falange do Espírito de Verdade, com o imenso trabalho missionário de Allan Kardec, a oração de Cáritas se configurou em uma das expressões mais elevadas da Terceira Revelação. Repetir as palavras dessa prece é sempre um exercício de expansão espiritual.

E não é aleatoriamente que esse espírito usa o pseudônimo “Caridade” (Cáritas); na verdade, essa doação ao semelhante é uma sua marca que atravessa os séculos, de início, como parte dos “adeptos do caminho” (nome dos primeiros cristãos) que se dedi-

cavam a asilar famintos e a cuidar de enfermos de todas as idades; adiante, como a Imperatriz Irene que, de tão caridosa, foi e é considerada santa pela Igreja Ortodoxa; no século XIX – mais propriamente no período da Codificação – com intervenções, mensagens e preces que eram a mais cristalina tradução do amor ao próximo, especialmente o mais desvalido.

Cárita, hoje conhecida como Cáritas, revela-se um facho de luz a atravessar as eras e denominando-se, no entanto, uma mendiga de Deus para os pobres. É dessa luminosa criatura a prece que será motivo de nossa meditação neste pequeno livro. Porém, sentimos ser necessário, por primeiro, determo-nos um pouco ante o panorama do Império Romano, no qual surge o Nazareno em distante província da Palestina, examinando a seguir os séculos de perseguição aos seguidores de Jesus. Também, considerando a participação de Cáritas nos enormes e revolucionários trabalhos da falange do Espírito de Verdade, situá-la nos processos da Codificação espírita.

Isso feito, estava preparado o caminho para as meditações acerca de cada trecho destacado da Prece de Cáritas, sendo que, ao final, trouxemos à cena um contemporâneo dela – o apaixonante Clemente de Roma – para homenagearmos Cáritas com uma majestosa prece de Clemente Romano, a qual faz parte da Carta aos Coríntios redigida por este último na linha do apóstolo Paulo, de quem foi colaborador como se verá adiante. Muito nos agrada ter logrado homenagear Cáritas com a voz inspirada de tão bela

figura que conheceu momentos de terror para os primeiros cristãos, sob as muitas pressões religiosas (do politeísmo), políticas (dos cézares), sociais e propriamente policiais (das classes altas e da soldadesca romana).

Tanto a prece de Clemente Romano como aquela que Cáritas fez psicografar em 1873, ambas têm forte caráter universalista, seja no fato de não restringirem seus rogos a esta ou àquela confissão religiosa e os destinarem à humanidade toda, seja pelo quanto essas preces são apreciadas e mesmo amadas por não-católicos – no caso de Clemente – e por não-espíritas – no caso de Cáritas que redigiu sua oração pelas mãos abençoadas de Madame Krell, médium de grandes recursos e pessoa conceituada por sua seriedade e discrição.

Em suma, alguns desejos fundamentais moveram-nos para redigir este pequeno livro; um primeiro de apresentar breve reflexão sobre Jesus e o cristianismo dos primeiros tempos, construindo uma ponte entre este último e a nossa aproximação do Mestre capitaneando a grande e luminosa falange do Espírito de Verdade, no período da Codificação espírita trabalhada, em nosso plano, por Allan Kardec. Outro, foi o desejo de uma releitura meditativa e detida da Prece de Cáritas, a qual traz em si, além de ebulições de amor universal, forte lastro teológico que nos suscita muita reflexão. Ainda um terceiro desejo foi o de retribuirmos, e creio que o possamos fazer em nome de muitos, o bem que em nossa vida causou a

emoção da leitura e das releituras da oração feita por esse luminoso espírito, prece destinada a atingir todos os corações sensíveis e acolhedores e a atravessar os tempos, iluminando-os.

Desejamos que a leitura deste pequeno livro traga interessantes informações e, acima de tudo, momentos poéticos de meditação seja sobre os trechos da Prece de Cáritas, seja sobre os excertos da oração de Clemente de Roma – grandes e históricos momentos vividos pelo cristianismo em sua trajetória milenar. Também desejamos que os leitores não deixem de meditar acerca da profundidade habitual das palavras de Santo Agostinho, que abrem com chave dourada este livro, destacadas como epígrafe.

Que o caminho dos leitores seja tão inspirado, suave e contrito como o foi o do autor, que ora tem a alegria de oferecer seu singelo trabalho ao aperfeiçoamento das almas de boa vontade.

**PARTE I**  
Cáritas no Cristianismo dos  
Primeiros Tempos e na Posteridade

“E nos tempos heróicos e trágicos do nascimento do cristianismo, multiplicaram-se os mártires que davam suas vidas pela nova luz que banhava o mundo.”

**Hélio de Tagaste**



# 1

## ROMANOS E JUDEUS NO SURGIMENTO DE JESUS

**Q**uando, no mundo até então conhecido, o Império Romano se firmara como potência mundial, após a vitória de Roma sobre Cartago, numa das províncias mais insignificantes e desdenhadas de tal Império, um curandeiro de especiais poderes iniciava sua trajetória em Nazaré e cercanias. Era um tempo de muitos curandeiros, fosse pela inexistência de uma medicina científica, fosse porque alguns sensitivos obtinham bons resultados ao tratarem a saúde do povo. Mas o curandeiro de Nazaré se distinguia por algumas razões; ele também era pregador com forte poder de orientação sobre as vidas que dele se aproximavam, vivia de modo inteiramente exemplar com total desinteresse por pagamentos e bens materiais e, sobretudo, dizendo-se ungido por Deus para trazer uma nova ordem de vida, um Novo Reino espiritual para os homens e mulheres de boa vontade.

Yoshua, por nós hoje chamado Jesus, por um tempo de preparação vivera encantado com as prega-

ções de seu primo João Batista, assim chamado este último por, à maneira dos essênios, batizar nas águas do rio Jordão os convertidos à sua pregação sóbria, reforçada por sua intencional e absoluta pobreza. Jesus, uma vez batizado pelo seu primo, iniciou seu próprio trabalho de pregação e de extraordinárias curas. Consultado pelo Imperador, o procônsul Públio Lêntulo fez fascinante descrição de Jesus, como sendo homem forte e belo como bela era sua mãe, com uma fisionomia ao mesmo tempo firme e muito apaziguante, que falava ao povo com impressionante autoridade. Sua pregação, todavia, não foi interpretada como herética, de vez que, em suas estruturas fundamentais, não violentava as tradições do judaísmo. Os romanos não afrontavam ou perseguiram as religiões dos conquistados, desde que se mostrassem fiéis à tradição cultural – o que, sem dúvida, era uma política inteligente por parte do Império.

Por que, então, os cristãos de após a morte de Jesus Cristo foram tão barbaramente perseguidos e molestados por mais de duzentos anos? Isto é coisa que virá depois e, depois, receberá a devida explicação. Como se sabe, doze apóstolos reuniram-se em torno de Jesus, bem como mais de setenta discípulos servidores e pregadores; o Sinédrio, órgão superior dos judeus, a princípio não se preocupou com isto, tampouco preocupando-se as grandes autoridades romanas. O que comumente se pensava era que o movimento de Jesus poderia, no máximo, ser uma nova seita judaica; uma das expressões do judaísmo de então, apenas. Afinal, Jesus dizia não ter vindo abolir